PRÁTICAS DISCURSIVAS E POSIÇÕES IDENTITÁRIAS

Luzia Rodrigues da SILVA (UnB e UFG)

RESUMO: Com base nos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso Crítica (ADC), propomos com este trabalho refletir sobre a prática discursiva da sala de aula e demonstrar como, em tal prática, as identidades de gênero, em especial as femininas, são representadas e constituídas. Nessa perspectiva, apontamos para a relação entre discurso e identidades, defendendo a noção de que as identidades são heterogêneas, constituídas na interação e, portanto, nas práticas sociais contemporâneas, onde estão atravessadas relações de poder e ideologia.

ABSTRACT: This paper is basead upon the methodological and theoretical presuppositions of the Analysis Critical Discourse (ACD). We propose to reflect about discourse practice in classroom, in addition to demonstrate how in this practice the gender identities, especially the way of feminine ones, are represented and constituted. On this perspective, we point the relation between identities and discourse, defending the conception of identities being heterogeneous, constituted during the interaction and, therefore, in the contemporary social practices, where ideology and power relations are put across.

1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar como são representadas e constituídas as identidades de gênero, em especial as femininas, na prática discursiva da sala de aula. Para desenvolver a análise, situada no contexto social, recorremos à Análise de Discurso Crítica (ADC), teoria e metodologia desenvolvidas pelo lingüista britânico Norman Fairclough que tratam a linguagem como prática social e levam em consideração o contexto de uso da linguagem como uma dimensão crucial (Fairclough, trad., 2001 e 2003). A ADC, revestida de um caráter emancipatório, olha criticamente para a relação de poder, de dominação e de resistência institucionalmente constituída. Daí, a sua pertinente e inevitável contribuição. Nesse sentido, são aqui de nosso interesse as questões relacionadas a valores, a crenças e a ideologias que estão materializadas no texto, no discurso, o qual constitui o mundo social e as identidades, que são constituídas na interação, inclusive no contexto da sala de aula, espaço onde se realizam episódios cotidianos imbricados às práticas socioculturais.

Dialogo com estudos sobre gênero social que defendem as identidades como sendo efeitos discursivos e sociais, tornando-se, na Modernidade Tardia, como aponta Hall (Trad., 2001), uma celebração móvel, pois são elas participantes de um tempo de mudanças constantes, de deslocamentos, de fragmentações, de descontinuidades. Dessa maneira, estabelecemos relações entre discurso e identidades tendo por base a noção de que as identidades são heterogêneas, multifacetadas, construídas nas práticas sociais contemporâneas. São elas, de acordo com Litosseliti (2006), socialmente e culturalmente construídas por meio de discursos que são apropriados e negociados.

2. Discurso e identidades

As relações de poder e sua conexão com a linguagem presentes no discurso são de interesse da Análise de Discurso Crítica (ADC), que apresenta como objetivo investigar de forma crítica como as relações de desigualdades são expressas, constituídas e legitimadas pelo uso da linguagem (Wodak, 2003).

Na perspectiva da ADC, o termo discurso decorre da percepção da linguagem como uma dimensão da vida social, dialeticamente interconectado a outros elementos, como poder, ideologia, identidades. Como dimensão das práticas sociais, o discurso é determinado pelas estruturas sociais. Porém, ele tem efeitos sobre a sociedade ao reproduzir ou transformar tais estruturas. O discurso, nesse sentido, configura-se como um modo de agir sobre o mundo e os/as outros/as e como um modo de representação (Fairclough, trad., 2001). Ao mesmo tempo que ele molda a sociedade, é por ela moldado. Assim, mantém e sustenta práticas hegemônicas, mas também as transforma. Dessa forma, o discurso implica relações de poder e essas não se separam, na perspectiva desse estudo, do conceito de ideologia, pois conforme Thompson (1998: 58), as ideologias são “maneiras como o sentido, mobilizado por formas simbólicas (ações, imagens, textos), serve para estabelecer e sustentar relações de dominação”. Sem desconsiderar essa perspectiva, Fairclough (2003)

vai mais longe. Para ele, as ideologias são representações de aspectos do mundo que podem ser evidenciados para contribuir para o estabelecimento, a manutenção ou a mudança de relações de poder, dominação e exploração. Desse modo, jogar luz sobre as posições ideológicas é tornar possível a identificação das relações de poder e de assimetria manifestadas pela linguagem. É, ainda, facilitar a percepção do papel que a linguagem assume nas práticas discursivas, se fortalecedor ou se enfraquecedor no que se refere, por exemplo, à constituição de identidades.

Nesse sentido, compreender o momento discursivo significa observar a articulação dos vários elementos de uma prática social; significa observar como os sujeitos podem posicionar-se dentro dessas práticas, reproduzindo uma ordem discursiva ou estabelecendo novas configurações.

Entendemos que as práticas[1] e as estruturas sociais[2] determinam a escolha dos elementos discursivos que o texto materializa. Dessa maneira, por meio do exame de tais elementos, torna-se possível identificar a/s ideologia/s, valores e crenças presentes nos textos, podendo, assim, perceber aspectos que concorrem para a constituição das identidades.

Fairclough (trad., 2001) discute a ação dos/as participantes na realidade social. Ele defende o sentido de agência humana. Isso significa que os sujeitos são criativos, capazes de produzir novos discursos e, assim, assumir papéis sociais que objetivam a transformação, a desestabilização de práticas. Portanto, esse autor estabelece a relação entre construção social, discurso, e identidades. Desse modo, as abordagens de Fairclough (trad., 2001, 2003) configuram-se como instrumentos para o estudo da linguagem em contextos específicos (a sala de aula, por exemplo), apontando para a relação entre discurso, identidades e sociedade. Isso implica a noção de que as identidades não são tratadas como essencializadas, mas como construções sócio-históricas, como efeitos de práticas discursivas. Às identidades é atribuída a capacidade de desafiar práticas cotidianas e de contribuir para mudanças sociais.

Desse modo, não se pode, portanto, deixar de reconhecer a inter-relação discurso e identidade. O gênero social é um construto social elaborado no discurso. Construímo-nos como 'sujeitos' nas práticas discursivas em que estamos situados/as. Em tais práticas, constituídas de crenças, valores, sentimentos, visões de mundo, ideologias, é comum percebermos a manutenção e produção de estereótipos definidos para homens e para mulheres. Compreendem-se diferentes padrões sociais que configuram o masculino e o feminino. Tais padrões são produzidos, veiculados e reproduzidos por meio de práticas sociais, uma delas é as práticas discursivas da sala de aula, nos eventos de letramento.

A identidade de gênero social é, portanto, articulada e rearticulada a cada evento de letramento, sendo este um fenômeno sociocultural e, como tal, um instrumento mediador dos processos de identificação dos sujeitos sociais. Dessa maneira, podemos afirmar que homens e mulheres aprendem a ser o que são na interação da qual participam. Assim, a construção e constituição das identidades de gênero implicam a interação dos indivíduos agindo em práticas discursivas particulares nas quais estão posicionados, implicam as posições que eles assumem e as maneiras como são eles posicionados nos eventos de letramento.

Contudo, no contexto discursivo da sala de aula, a dicotomia masculino e feminino é comumente manifestada, contribuindo para a construção da realidade assimétrica das relações de gênero, que é internalizada desde a infância, sobretudo na família, por meio de práticas e de eventos discursivos.

De acordo com essa perspectiva, Poynton (1989) defende que a construção da identidade submissa da mulher começa assim que ela nasce, na família, uma das principais agências de letramento, quando, em volta dela, cria-se um cenário de sentidos que reforçam estereótipos naturalizados.

Entretanto, para Magalhães (2003), existem modos diferentes que contribuem para a construção da identidade da mulher. Para essa autora, o discurso veiculado na sociedade pode ser de dominação ou de emancipação. O discurso de dominação está diretamente veiculado aos padrões da ideologia dominante, da família patriarcal. Por meio dele, a mulher não tem lugar de fala na sociedade, ficando sujeita aos estereótipos que remetem a 'velhas' identidades, aquelas tidas como tradicionais. O discurso de emancipação, ao contrário, é aquele que, através de práticas discursivas, procura criar, para as mulheres, um lugar social, um espaço de fala no qual elas são sujeitos.

---

[1] Para Chouliaraki e Fairclough (1999), as práticas são modos habituais de ação social, ligados a um espaço e tempo particulares em que as pessoas aplicam recursos (material e simbólico) para agir juntas no mundo. As práticas englobam diversos momentos da vida social: atividade material; relações sociais e processos (relações sociais, poder, instituições); fenômenos mentais (crenças, valores, desejos) e discurso, que são articulados entre si.

[1] Segundo Fairclough (2003), as estruturas sociais são entidades muito abstratas. Pode-se pensar em uma estrutura social (tal como uma estrutura econômica, uma classe social ou um sistema de parentesco ou uma linguagem) em termos da definição de um potencial, um conjunto de possibilidades.

Focalizando nossa atenção nos discursos de dominação, que se fazem muito presentes no discurso da sala de aula, afirmamos que há mulheres que se enquadram passivamente em estereótipos que caracterizam as 'velhas' identidades. Estereótipos que vêm a evidenciar que, apesar das transformações socioculturais que estão ocorrendo nas sociedades contemporâneas em âmbito global e local, muitas mulheres não estão conscientes de sua posição de subordinação e, por isso, não demonstram resistência frente às relações de assimetria. Essa posição pode ser questionada no contexto escolar, dependendo da prática de letramento adotada pela escola. Porém, em muitas instituições de ensino, professoras e professores reproduzem a dicotomia dos gêneros quando reforçam, no discurso da sala de aula, estereótipos sócio-históricos e culturalmente produzidos para os mesmos.

Desse modo, os eventos de letramento, nos contextos escolares, configuram-se, muitas vezes, como o lugar em que se manifestam mecanismos, estratégias de enfraquecimento da mulher, que, em geral, não percebe as monobras, sutis, de discriminação e preconceito que lhe são direcionadas. E ainda: como um lugar em que professoras e professores reforçam padrões hegemônicos, assegurando, desse modo, a manutenção de formas de preconceitos e desigualdades.

Contudo, considerando as identidades de gênero uma criação social, veiculada por práticas, e reconhecendo o caráter de mobilidade e transformação dos novos tempos, é possível contar com uma mudança significativa nas relações de gênero e na construção da identidade da mulher caso haja uma mudança discursiva. Pois, como a relação entre discurso e prática é dialética, a mudança discursiva contribui para a mudança da prática social e vice-versa. Essa perspectiva é também defendida por Street (1995: 16) que defende que a "*mudança social envolve desafio a formas dadas de discurso dominante e a produção e afirmação de outros discursos inseridos em novas condições materiais.*"

Não podemos afirmar que, no mundo onde ocorrem mudanças, com velocidade vertiginosa, a construção da identidade – e a transformação das mesmas por meio das práticas discursivas - fique a cargo somente da instituição escolar. Porém, ela é uma das que participam desse processo, pois as identidades constroem-se a partir das relações que estão em jogo nas práticas discursivas, que se concretizam, sobretudo, no discurso da sala de aula. É nesse sentido que podemos relacionar as práticas discursivas da sala de aula com a constituição das identidades de gênero.

3. Metodologia

Pesquisadoras ou pesquisadores necessitam de uma teoria e metodologia que possam desvendar os modos de ação de ideologias que determinam as relações de assimetria, nesse caso, entre homens e mulheres, construídas pela linguagem. A Análise de Discurso Crítica e a Etnografia se juntam para cumprir esse papel. Ambas ressaltam a relação entre linguagem e sociedade. Como já discorremos sobre alguns pressupostos que sustentam a ADC, aqui, queremos lembrar as palavras de Van Maanen: "A etnografia é uma representação escrita de uma cultura" (1988: 1). Configura-se, portanto, a Etnografia, pelas suas diversas ferramentas, como um eficaz recurso para capturar, compreender, situações sociais. Além disso, tal metodologia, rompendo com os paradigmas da pesquisa positivista, permite ao/à pesquisador/a descrever, refletir, analisar, interpretar dados de um contexto social particular, tornando-o/a capaz de compreender as diversidades culturais e as multiplicidades de vozes nele existentes.

Foi, então, articulando a ADC e o recurso metodológico etnográfico, conforme os pressupostos de Cameron (1992), Thomas (1993), Gieve e Magalhães (1994), Denzin e Lincoln (orgs. 2006) e Van Maanen (1988), que fizemos a coleta do dado aqui apresentado, uma aula de Língua Portuguesa. Tal dado é uma parte de um acervo de vários outros dados que foram gravados em fita de áudio em uma sala de aula com uma professora, vinte e sete (27) alunos e dezoito (18) alunas, na faixa etária entre 15 e 18 anos.

Em uma escola da rede pública, na primeira série do Ensino Médio, observamos um evento de letramento – uma aula de Língua Portuguesa - no qual foram discutidas duas figuras (imagens) extraídas de uma revista de circulação nacional. Estas figuras são: a foto de uma drag-queen e a foto de uma mulher soldada. Ambas, ampliadas.

A discussão forneceu-nos subsídios para analisar as representações da mulher naquele evento. Para tanto, exploramos aspectos ideológicos, identificando como as relações sociais são representadas no discurso da sala de aula, que realidade está sendo retratada e de que maneira as identidades femininas (e masculinas) posicionam-se e são posicionadas.

4. Um evento de letramento

Ao abrir a discussão sobre as figuras (imagens)[3] em sala de aula, a professora mostra a primeira folha, na qual há a foto de uma *drag-queen*, e pergunta para os/as alunos/as o que teriam a dizer sobre tal imagem. Os/as alunos/as respondem, por exemplo, *Ah, professora, é uma bichona, é a irmandade, o silico.*

A professora questiona o que é *irmandade* e Pedro[4] responde que é o *queima rosca. A* professora, com ar de reprovação, pergunta à turma o que acha do termo empregado pelo aluno. Muitos alunos, falando, ao mesmo tempo, termos diferentes, porém, quase sinônimos, respondem que acham o termo normal. Augusto diz*: o que não é normal é isso* (referindo-se à *drag-queen).* Patrícia, ainda a respeito da *drag-queen*, diz que *homem tem de ser homem.* Márcia ainda aproveita para dizer que *se* as *coisas continuarem como estão vai faltar mais homem do que já falta.*

Ilana afirma que as coisas estão mudando e que, por isso, *muitos homens assumem as funções que eram próprias das mulheres.* Henrique a interrompe para dizer que *mulher e boiola se preocupam com a casa e com os filhos, que isso não é coisa de homem, homem não pensa muito nisso não.* Renata questiona se realmente *a mulher tem de se interessar só por filhos e cozinha..* As opiniões foram conflitantes: alguns alunos diziam que sim. Pedro afirma que *mulher deve se preocupar só com isso,* mas outros alunos e muitas alunas manifestavam-se contrários/as àquela opinião. Débora falou em tom mais alto: *ela* (referindo à mulher*) faz o que ela quer da vida.* Nesse momento, a professora pede silêncio, dizendo que aquela discussão não iria levar a nada.

A segunda foto (mulher soldada) é apresentada pela professora e alguns/mas alunos/as espantam-se com o fato de termos uma mulher com uma arma e brincam que *ela não é nada sensível ou delicada*. Um aluno afirma que a mulher deve cuidar de casa e não segurar armas. Uma aluna diz que *tudo bem ela segurar uma arma*; porém, *dividir a conta, nem pensar.* Muitas meninas concordam e alguns meninos também concordam, pois, para esses, os homens que pagam a conta, mas outros acharam que *se a mulher dividir a conta, tudo bem.* Novamente, a professora interrompe a discussão. Dessa vez, ela disse que teria que passar para um outro assunto: o estudo das conjunções. Assim, o debate sobre as figuras (imagens) é efetivamente encerrado e a discussão sobre as conjunções toma o restante do horário.

5. A análise

Notamos, no evento de letramento, que muitos estereótipos são naturalizados, devido à falta de reconhecimento, por parte da professora, das problematizações, levantadas pelos/as alunos/as, sobre o gênero social. E o que é pior, devido à interrupção da reflexão desencadeada pelos/as alunos/as. Jogar luz sobre um problema social e refletir sobre ele é uma forma de agir no mundo e, desse modo, provocar mudanças. Isso implica a desnaturalização do que está naturalizado, daquilo que é tomado como dado. A professora, embora tenha trazido para a sala de aula um tema de caráter social, não permitiu que ele fosse devidamente problematizado e refletido, sendo tratado como uma prática social que, como tal, está incorporado à vida contemporânea. Assim posicionando-se, a professora demonstrou que não reconhece o discurso como uma forma de ação no mundo, imbuído de um caráter emancipatório, pois, conforme aponta Fairclough (trad., 2001 e 2003), o sujeito pode ser crítico, refletindo sobre as relações de poder, de dominação e hegemonia institucionalmente constituídas, e promover mudanças sociais e discursivas[5].

Na oração *A mulher deve cuidar de casa e não segurar armas*, temos, como meta dos verbos *cuidar* e *segurar*, objetos, que, se assim podemos dizer, expressariam lados opostos – o que indicaria identidades em conflito - se não fosse a presença de uma negação antes do verbo *segurar* e do modalizador *deve*, antes do verbo *cuidar*. Percebemos que a sentença assim construída revela a mulher relacionada à ação realizada no âmbito doméstico. Além disso, enquadra a mulher em um estereótipo.

A oração *A mulher é delicada, sim,* com a presença de um verbo relacional, define a mulher como delicada, ou seja, temos aqui o discurso tradicional a respeito do gênero social que, nas premissas de Magalhães (2003), associa-se ao discurso de dominação. A mulher, mais uma vez, é enquadrada em um estereótipo, que é reforçado pela palavra *sim.*

---

[3] Trata-se de texto extraído de uma revista de circulação nacional.

[4] Trata-se de pseudônimos. Aqui, os pseudônimos têm o efeito de marcar falas de diferentes alunos e alunas.

[5] Mudança discursiva refere-se à produção de mudanças estruturais nas ordens de discurso, que desarticulam ordens de discurso existentes e rearticulam novas hegemonias disursivas, podendo afetar a ordem de discurso societária (Fairclough, trad., 2001).

Podemos afirmar que as *duas sentenças, A mulher é delicada, sim* e *A mulher* deve cuidar de casa e *não segurar armas*, reforçam um mesmo estereótipo, configurando o discurso de dominação.

*C*orroborando com um discurso de dominação, temos as orações *Mulher ou boiola se preocupam com a casa e com os filhos, isso não é coisa de homem; homem não pensa muito nisso não.* Evidenciamos aqui verbos que reforçam a naturalização de crenças e valores. São orações que expressam o pressuposto de que deve haver divisão do trabalho entre homens e mulheres. Assim, fica a mulher associada ao território do privado (doméstico) enquanto o homem é afastado desse espaço.

Em conflito com a identidade não emancipada da mulher, temos as orações *A mulher faz o que ela quer da vida; Tudo bem ela segurar uma arma; Se a mulher dividir a conta, tudo bem*. Estas orações indicam uma identidade emancipada para a mulher. Ou seja, há resistência. Há, portanto, um discurso de emancipação, confirmando Talbot (1998) que afirma que as pessoas não são passivamente moldadas pelos discursos. Isso sugere uma perspectiva de mudança em relação às identidades de gênero, demonstrando uma prática discursiva que se caracteriza como fonte de contestação e desestabilização de uma ordem social que é regulada pelo discurso de dominação masculina (Bourdieu, trad., 1999). Sugere, portanto, que a linguagem pode ser usada para desafiar o poder e subvertê-lo.

Essa composição mista de dois discursos, de emancipação e de dominação, apontam para as identidades híbridas. Isso sugere, como aponta Magalhães (2003 e 2005), a coexistência de 'velhas' e 'novas' identidades, indicando identidades em conflito. Identidades essas que se situam entre o tradicional, o recuo, a permanência e os apelos de mudanças, a desestabilização, a ruptura com padrões que regulam as relações sociais.

Quanto às identidades constituídas para os homens, entendemos que a tensão entre os dois discursos não se realiza de forma tão acentuada como acontece com as identidades femininas. As identidades masculinas são constituídas quase que sem conflito, posto que há pouca manifestação de resistência a padrões hegemônicos que moldam a construção dessas identidades. Nesse sentido, é a identidade tradicional que é constituída para os homens. Isso nos é comprovado com as orações: *São os homens que pagam a conta; Homem tem de ser homem; Mulher ou boiola se preocupam com a casa e com os filhos; homem não pensa muito nisso não*. Tais orações demonstram a naturalização e legitimação de práticas sociais de assimetria e dominação. Um indício de resistência é apresentado na oração: *muitos homens assumem as funções que eram próprias das mulheres*. Contudo, como podemos observar é essa uma posição logo abafada por outros sentidos que regulam uma prática hegemônica.

6. Considerações finais

A linguagem apresenta-se em duas faces. Ela é representativa e constitutiva da realidade social. Assim, por meio da Análise de Discurso Crítica, pudemos ver como são retratados aspectos da realidade em um evento de letramento que teve como foco a discussão de figuras (imagens); Pudemos perceber que tipo de relações sociais são ali encontradas. Notamos que as identidades de gênero constituídas são, na maioria, tradicionais ou híbridas, o que implica identidades em conflito. E, no que diz respeito ao homem, a identidade constituída, predominantemente, ainda é a tradicional.

O evento discursivo aqui apresentado nos faz pensar que, no contexto da sala de aula, muitas oportunidades de discussão mais aprofundada sobre questões de poder e de gênero social são perdidas. Isso pode ocorrer devido ao fato de vários/as profissionais da Educação ainda ter em mente que um debate sobre gênero social envolvendo relações de poder e ideologia não é 'matéria' a ser levada em consideração em uma aula de Língua Portuguesa, haja visto que toda a discussão dos textos-imagens apresentados foi considerada como irrelevante, algo que "não iria levar a nada". Fica à mercê do apagamento as implicações da dicotomia homem X mulher que traz, segundo Poynton (1989), idéias ideologicamente produzidas, construindo relações assimétricas que precisam ser problematizadas, inclusive no contexto escolar. Além disso, no contexto específico, é possível constatar que as meninas não se enquadram passivamente em estereótipos, há resistência. E isso não foi, ao que nos parece, percebido pela professora.

Um momento de prática discursiva que poderia servir para a reflexão e o questionamento de valores, crenças e práticas sociais, bem como para despertar um olhar crítico na direção dos modos de ação da ideologia e, ainda, para as estratégias de construção de identidades femininas, não foi devidamente aproveitado. Isso implica, como sugere Fairclough (trad., 2001), a naturalização de posições identitárias, que alcançam o *status* de senso comum. Ao contrário, um trabalho de leitura crítica dos textos-imagens propicia a reflexão sobre o que é veiculado nos textos, bem como nos eventos de letramento, o que pode ser o início de mudanças nas práticas discursivas e sociais. E o que faria de um momento discursivo um lugar de luta e resistência, uma prática orientada para a práxis (Lazar, 2005). É nesse sentido que Fairclough (2003) defende

que é emergente nos posicionar criticamente, refletindo sobre as relações de poder, de dominação e, assim, poder promover mudanças sociais e discursivas.

A professora não consegue desafiar e negociar as ideologias e estruturas de poder dominantes e, assim, construir consciência crítica, suscitando nos/as educandos/as o desejo, a necessidade de resistência e mudança. Dessa maneira, o momento discursivo configurou-se, de uma forma geral, como um lugar de naturalização e legitimação de estereótipos.

7. Referências bibliográficas

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Trad., M. H. Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity.* Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.

DENZIN, N. K. E LINCOLN, Y. S. (orgs). *O planejamento da pesquisa qualitativa*: teorias e abordagens. Trad., S. R. Netz. 2ª. Ed. São Paulo: Artmed, 2006.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse:* textual analysis for social research. Londres and Nova York: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social.* Coord. Trad., I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

GIEVE, S. E MAGALHÃES, I. (orgs). *Power, ethics and validity*: issues in the relationship between research and researched. Crile Occasional Report, 6. Centre for Research in Language Education, Lancaster University, UK, 1994.

HALL, S. *Identidades culturais na pós-modernidade.* Trad., T. T. da Silva e G. L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LITOSSELITI, L. *Gender & language*: theory and practice. Londres: Hodder Arnold, 2006.

MAGALHÃES, I. Interdiscursividade e identidade de gênero. In: I. Magalhães & M. C. D. Leal (orgs.). *Discurso, gênero e educação.* Brasília: Plano Editora: Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2003, pp. 33-62.

MAGALHÃES, I. Interdiscursivity, gender identity and the politics of literacy in Brazil. In: M. Lazar (orga.). *Feminist critical discourse analysis.* Houndmills e Nova York: Palgrave Macmillan, 2005, pp. 181-2004.

POYNTON, C. *Language and gender:* making the difference. *Oxford:* University Press, 1989.
STREET, B. *Social literacies*: critical approaches to literacy in development, ethnography and education. Londres e Nova York: Longman, 1995.

TALBOT, M. *Language and gender.* Cambridge, Grã-Bretanha: Polity Press, 1998.

THOMAS, J. *Doing critical ethonography.* Newbury Park, Londres e Nova Delhi: Sage Publications, 1993.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna:* teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

VAN MAANEN, J. *Tales of the field*: on writing ethonography. Chicago e Londres: University of Chicago Press, 1998.

WODAK, R. El enfoque histórico del discurso. In: R. Wodak. e M. Meyer (orgs.). *Métodos de análisis crítico del discurso.* Barcelona: Editorial Gedisa, 2003.